

O URBANO E O GLOBAL NA ERA MODERNA EM UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA

 *Mariana Dantas^{1;2}*

 *Emma Hart^{3;4}*

RESUMO

O presente dossiê parte do princípio de que o urbano e o global, enquanto fenômenos históricos, interagiram de forma dialógica na era moderna: dinâmicas urbanas sustentaram a criação de um mundo moderno globalmente conectado enquanto a movimentação global de pessoas, bens, ideias e práticas ajudou a definir realidades e imaginários urbanos. A perspectiva que salienta a interconexão entre a cidade e globalização—a cidade global—é corrente em estudos urbanos do fim do século XX e início de XXI. A adoção dessa mesma perspectiva analítica para o princípio do período moderno, a partir de uma comparação implícita entre diferentes centros e comunidades urbanas, ilumina o papel que cidades como o Rio de Janeiro tiveram naquele era de globalização, assim como a maneira pela qual aquele momento histórico definiu a cidade.

PALAVRAS-CHAVES

Cidades – Globalização – Era Moderna – Rio de Janeiro – Mundo Atlântico.

¹ Ohio University. Athens – Ohio – Estados Unidos da América.

² Mariana Dantas é autora do livro *Black Townsmen: Urban Slavery and Freedom in the Eighteenth-Century Americas* (2008). Ela foi a co-investigadora do projeto de rede de pesquisa internacional “Global City: Past and Present”, financiado entre 2015 e 2017 pelo Conselho de Pesquisa em Artes e Humanas do Reino Unido.

³ University of St. Andrews. St. Andrews – Fife – Escócia.

⁴ Emma Hart é autora dos livros *Building Charleston: Town and Society in the Eighteenth-Century British Atlantic World* (2010) e *Trading Spaces: The Colonial Marketplace and the Foundations of American Capitalism* (2019). Ela foi a investigadora principal do projeto de rede de pesquisa internacional “Global City: Past and Present”, financiado entre 2015 e 2017 pelo Conselho de Pesquisa em Artes e Humanas do Reino Unido.



THE URBAN AND THE GLOBAL IN THE EARLY MODERN PERIOD IN A COMPARATIVE PERSPECTIVE

ABSTRACT

This dossier argues that the historical phenomena of the urban and the global have interacted in a dialogical fashion: urban dynamics sustained the creation of a modern and globally connected world while the global movement of people, goods, ideas, and practices helped to define urban realities and ideals. The perspective that emphasizes the interconnection between the city and globalization—the global city—is prevalent in urban studies that focus on the late twentieth and early twenty-first centuries. Applying the same analytical perspective to the early modern period using an implicit comparison between different urban centers and communities elucidates the role cities like Rio de Janeiro played in that era of globalization, as well as the impact that historical moment had on the city.

KEYWORDS

Cities – Globalization – Early Modern Period – Rio de Janeiro – Atlantic World.



Em seu livro, descrevendo os seis meses que passara no Brasil em 1846, o americano Thomas Ewbank escreveu que “os gritos em Londres são bagatelas quando comparados aos da capital brasileira. Escravos de ambos os性s anunciam seus produtos em todas as ruas.” Quer fossem frutas ou vegetais; itens de vidro, porcelana ou prata; ou ainda sedas e jóias “tais coisas, e milhares mais, são vendidas pelas ruas diariamente”⁵. A comparação feita com Londres sugere que ao tentar traduzir a sua experiência com o Rio de Janeiro para os seus leitores, Ewbank achou necessário referenciar a cidade que, no imaginário Americano, estaria mais associada a um comércio urbano vibrante e abundância de mercadorias advindas de regiões mundiais mais diversas. Na mesma época em que Ewbank publicava seu livro, Friedrich Engels compunha sua obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, onde ele descreveu Londres como o centro comercial do mundo⁶. É pouco provável que Ewbank e seus leitores conheciam o texto de Engels, mas certamente saberiam da reputação da capital do império Britânico e do alcance global de suas instituições financeiras e mercantis. Ao comparar as duas cidades, Ewbank associava o Rio de Janeiro oitocentista à cidade global por excelência daquela época.

Para Ewbank, o ponto de comparação com Londres era a disponibilidade de qualquer produto comercial imaginável em qualquer momento que o cidadão urbano o requeresse. O Rio de Janeiro da metade do século XIX estava, de fato, inserido em uma complexa rede de trocas comerciais e financeiras que se estendia pelo interior do território brasileiro, pelo mundo atlântico, e além⁷. Assim como Londres, a cidade portuária brasileira atuava, desde o século XVII, como nódulo importante na rede de centros urbanos e portos que conec-

⁵ EWBANKS, Thomas. *Life in Brazil, or, A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm.* New York: Harper & brothers, 1856. p. 92-93.

⁶ ENGELS, Friedrich. *The Condition of the Working Class in England in 1844*. London: Sonnen-schein & Co, 1892. p. 23.

⁷ COSTA, Sérgio; GONÇALVES, Guilherme Leite. *A Port in Global Capitalism: Unveiling Entangled Accumulation in Rio de Janeiro*. London: Routledge, 2019.

tava diferentes cantos do mundo e promovia a movimentação global de produtos comerciais, ouro e prata, pessoas, ideias e práticas. Mesmo com as restrições econômicas e políticas de monopólio do antigo regime, diferentes historiadores apontam a participação crucial de comerciantes do Rio de Janeiro, e da cidade portuária em si, na circulação econômica no império português⁸. Mas não é somente a referência a mercadorias diversas que, na passagem do texto de Ewbank, ilustra as conexões transoceânicas que caracterizavam o Rio de Janeiro oitocentista. O breve comentário sobre escravos de ambos os sexos, encarregados de animar tantas trocas comerciais, invoca um outro lado do caráter transnacional ou global daquela cidade: o papel central que o Rio de Janeiro tivera no tráfego de africanos escravizados entre diferentes regiões do Atlântico e do Índico⁹.

Essa curta passagem de *Life in Brazil* aponta, sem necessariamente se dar conta, para a globalidade potencial do Rio de Janeiro, ou seja, a centralidade da cidade em processos de circulação globais que animaram a definiram realidades do século XIX e experiências urbanas de viajantes, consumidores, e comerciantes grandes e pequenos, livres e escravos. A notável cacofonia da cidade, evidência de um setor comercial urbano ativo, representa mais do que conexões mercantis; ela invoca um ambiente urbano familiar, reconhecível. Descrições como essa, disseminadas por viajantes, indicam como o Rio de Janeiro contribuiu para reforçar a imagem do que era típico, esperado, ou

⁸ FRAGOSO, João Luís. Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. PESAVENTO, Fábio. “Para além do império ultramarino português: as redes trans, extraimperiais no século XVIII.” In: GUEDES, Roberto (org.). Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2013. p. 97-111. GUIMARÃES, Carlos Gabriel. Os ingleses no Rio de Janeiro da primeira metade do século XVIII: o caso da família Gulston, c. 1710-1720 – primeiras impressões.” In: MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de; GUIMARÃES, Carlos Gabriel; RIBEIRO, Alexandre Vieira. Ramificações Ultramarinas: Sociedades Comerciais no Âmbito do Atlântico Luso. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2018. p. 93-114.

⁹ FLORENTINO, Manolo. Em Costas Negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. BORUCKI, Alex. From Shipmates to Soldiers: Emerging Black Identities in the Río de la Plata. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2015. p. 25-56.

desejado em uma cidade¹⁰. Contribuía assim para noções do urbano no mundo oitocentista.

A relação entre o urbano e o global é a questão histórica que esse dossiê propõe examinar. A fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1565 é um dos eventos que marcou um primeiro processo histórico de globalização. A expansão marítima e projeto colonizador de Portugal, Espanha e, eventualmente, de outras comunidades europeias, integraram novas rotas Atlânticas, e mercados nas Américas, a existentes rotas marítimas e redes de trocas econômicas do Mediterrâneo e Oceano Índico. Os séculos XV ao XIX testemunharam, pela primeira vez, a circulação global de mercadorias e o contato entre as populações humanas de todos os continentes¹¹. A articulação dessa rede global se deu nas águas e navios, feitorias e mercados, e nos vários centros de poder onde atividades mercantis e alianças políticas foram negociadas. Especificamente, grande parte desse processo se deu em cidades e vilas, tanto portuárias quanto algumas interioranas, onde atores urbanos moldaram espaços e práticas locais para manejarem melhor oportunidades e pressões criadas por forças e conexões globais. O urbano e o global, enquanto fenômenos históricos, interagiram de forma dialógica: dinâmicas urbanas sustentaram a criação de um mundo moderno globalmente conectado enquanto a movimentação global de pessoas, bens, ideias e práticas ajudou a definir realidades e imaginários urbanos. A perspectiva que salienta a interconexão entre a cidade e globalização—a cidade global—é corrente em estudos urbanos do fim do século XX e início de XXI¹².

¹⁰ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

¹¹ ABU-LUGHOD, Janet. *Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*. New York: Oxford University Press, 1989. CROSBY, Alfred. *The Columbian Exchange: Biological and Cultural Consequences of 1492*. Westport: Greenwood, 1972. PAGDEN, Anthony. *Lords of All the Worlds: Ideologies of Empire in Spain, Britain, and France, c. 1500-c.1800*. New Haven: University of Connecticut Press, 1995. RUSSELL-WOOD, A.J.R. *The Portuguese Empire, 1415-1808: A World on the Move*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998, p. 8-26.

¹² SASSEN, Saskia. *The Global City*. New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 2013. TAYLOR, Peter; DERUDDER, Ben. *World City Network: A Global Urban Analysis*.

A adoção dessa mesma perspectiva analítica para o princípio do período moderno nos permite entender melhor o papel que cidades como o Rio de Janeiro e populações urbanas tiveram naquela era de globalização, assim como a maneira pela qual aquele momento histórico definiu a cidade.

Interrogar o diálogo entre o urbano e o global a partir de trabalhos somente sobre o Rio de Janeiro não seria suficiente. Estudos individualizados de cidades frequentemente produzem biografias de centros urbanos que tendem a exagerar o distinto ou excepcional de uma localidade e ignorar importantes conexões com outras localidades ou contextos para além do contexto nacional ou imperial¹³. A história global, enquanto disciplina, encoraja comparações e contextualizações amplas que revelam sincronicidades históricas, novas geografias de análise que não a nação ou império, e conexões entre eventos distintos e diacrônicos¹⁴. Histórias globais urbanas oferecem também comparações e contextualizações férteis, capazes de produzir narrativas e análises inovadoras, porém ancoradas em localidades e experiências humanas tangíveis¹⁵. É em busca dessa perspective urbana global, e seu potencial para elucidar o processo de globalização durante o período moderno e a centralidade da cidade nesse processo, que o dossier *O Rio de Janeiro e a Cidade Global* combina textos de pesquisadores de renome internacional sobre o Rio de Janeiro e sobre outras comunidades urbanas do mundo Atlântico. Juntos, os sete artigos aqui reunidos contribuem duas principais intervenções historiográficas: expandir o corpo literário ainda limitado que aborda o Rio de Janeiro como um importante estudo de caso para a discussão

London: Routledge, 2015. KING, Anthony. Writing the Global City: Globalization, Postcolonialism, and the Urban. New York: Routledge, 2016.

¹³ SAUNIER, Pierre-Yves; EWEN, Shane. Another Global City: Historical Explorations into the Transnational Municipal Moment. New York: Palgrave: 2008. NIGHTINGALE, Carl. Segregation: A Global History of Divided Cities. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

¹⁴ CONRAD, Sebastian. What is Global History? Princeton: Princeton University Press, 2016.

¹⁵ ARAÚJO, Erick Assis de; SANTOS, João Júlio Gomes dos, Jr. (orgs.). História Urbana e Global: novas tendências e abordagens. Fortaleza: Editora UECE, 2018.

sobre a história urbana global e sedimentar a relevância de uma perspectiva comparativa e voltada para o período moderno para estudos de cidades como agentes de globalização.

O leitor encontrará aqui uma análise de processos históricos que marcaram os séculos XVII ao XIX centrada em comunidades urbanas do mundo Atlântico. Luciano Figueiredo e Paul Musselwhite avaliam a relevância histórica de cidades—Rio de Janeiro e James Town, e cidades do mundo Atlântico Britânico, respectivamente—na construção de uma geografia política imperial de proporções globais. Eles ressaltam a importância de populações urbanas para o processo de articulação e negociação de vínculos políticos e econômicos entre o velho e o novo mundos. Em particular, eles demonstram a atuação de espaços urbanos como forjas de identidades políticas e palcos de conflitos e confrontações que reconfiguraram a relação entre colônia e metrópole num contexto imperial influenciado por processos globais.

Jesus Bohorquez e Fabrício Prado examinam comunidades e redes mercantis centradas no Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos Aires e além, e sua relevância para a organização de uma economia, assim como alinhamentos políticos, trans-imperiais. Eles exploram os esforços feitos pelas coroas portuguesa e espanhola para regulamentar e controlar uma economia cada vez mais globalizada e assim proteger seus interesses e dominação política. Ao focarem, porém, conexões comerciais entre diferentes cidades, eles demonstram que mais do que projetos imperiais, essas redes de troca se materializaram graças às ações de agentes econômicos e mercados coloniais. Essa análise revela ainda a necessidade de se pensar as conexões econômicas dessa região inseridas numa geografia global muito mais ampla do que o Atlântico Sul e mais influentes na maturação das ambições políticas regionais do que os ideais pro-independência da era das revoluções atlânticas.

Emma Hart, Randy Sparks e Ynaê Lopes dos Santos dedicam seus artigos a uma discussão de populações urbanas comumente marginalizadas em narrativas da formação do mundo Atlântico e de processos globalizadores: trabalhadores manuais, imigrantes voluntários e

forçados, africanos e seus descendentes, pessoas escravas e libertas. Os séculos XVIII e XIX testemunharam a intensificação de trocas comerciais e movimento de populações ao longo de rotas Atlânticas organizadas em torno de algumas cidades específicas. Hart, Sparks e Santos examinam a trajetória de Charleston, na Carolina do Sul, de Annamaboe, na Costa do Ouro, e do Rio de Janeiro. Dialogando com a historiografia que explica a centralidade de cada cidade em termos das atividades econômicas e poder político de elites e populações europeias ou euro-descendentes, os autores demonstram que foram as diferentes iniciativas e prioridades de populações marginalizadas, de agentes econômicos africanos e de escravos negros que moldaram Charleston, Annamaboe, e o Rio de Janeiro, respectivamente. Esses grupos urbanos, repetidamente ignorados em histórias dominantes do mundo Atlântico, construíram espaços, mercados, e práticas urbanas que viabilizaram articulações econômicas, sociais, e culturais cruciais à constituição do mundo setecentista e oitocentista.

O presente dossiê, através da comparação implícita entre a cidade do Rio de Janeiro e centros e comunidades urbanas do Atlântico britânico, espanhol, e da Costa do Ouro na África, oferece uma nova perspectiva da relação entre o urbano e o global durante o período moderno. Por um lado, ele ilumina a relação dialógica entre dinâmicas e experiências urbanas e a formação de redes de contato e troca globais que marcaram aquela era histórica. Por outro, ele revela a relevância de cronologias, geografias, e atores históricos ao processo de globalização centrado na cidade—e portanto ao fenômeno da cidade global—que são pouco explorados na literatura corrente, a qual tem se preocupado mais em focar o chamado norte global durante o final do século XX e começo do XXI.

Bibliografia

- ABU-LUGHOD, Janet. Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350. New York: Oxford University Press, 1989.
- ARAUJO, Erick Assis de; SANTOS, Joao Julio Gomes dos, Jr. (orgs.). História Urbana e Global: novas tendencias e abordagens. Fortaleza: Editora UECE, 2018.
- BORUCKI, Alex. From Shipmates to Soldiers: Emerging Black Identities in the Río de la Plata. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2015.
- CONRAD, Sebastian. What is Global History? Princeton: Princeton University Press, 2016.
- COSTA, Sergio; GONCALVES, Guilherme Leite. A Port in Global Capitalism: Unveiling Entangled Accumulation in Rio de Janeiro. London: Routledge, 2019.
- CROSBY, Alfred. The Columbian Exchange: Biological and Cultural Consequences of 1492. Westport: Greenwood, 1972.
- ENGELS, Friedrich. The Condition of the Working Class in England in 1844. London: Sonnenschein & Co, 1892.
- EWBANKS, Thomas. Live in Brazil, or, A jornal of a visit to the land of the cocoa and the palm. New York: Harper & brothers, 1856.
- FLORENTINO, Manolo. Em costas Negras: uma historia do trafico atlantico de escravos entre a Africa e o Rio de Janeiro, seculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- FRAGOSO, Joao Luis. Homens de grossa aventura: acumulacao e hierarquia na praca mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 1998.
- GUIMARAES, Carlos Gabriel. Os ingleses no Rio de Janeiro da primeira metade do seculo XVIII: o caso da familia Gulston, c. 1710-1720 – primeiras impressoes.” In: MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer; SAMPAIO, Antonio Carlos Juca de; GUIMARAES, Carlos Gabriel; RIBEIRO, Alexandre Vieira. Ramificacoes Ultramarinhais: Sociedade Comerciais no Ambito do Atlantico Luso. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2018. p. 93-114.
- MARTINS, Luciana de Lima. O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britanico (1800-1850). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.
- NIGHTINGALE, Carl. Segregation: A Global History of Divided Cities. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

PAGDEN, Anthony. *Lords of All the Worlds: Ideologies of Empire in Spain, Britain, and France, c. 1500-c.1800*. New Haven: University of Connecticut Press, 1995.

PESAVENTO, Fábio. “Para além do império ultramarino português: as redes trans, extraimperiais no século XVIII.” In: GUEDES, Roberto (org.). *Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2013. p. 97-111.

RUSSELL-WOOD, A.J.R. *The Portuguese Empire, 1415-1808: A World on the Move*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.

SASSEN, Saskia. *The Global City*. New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 2013.

SAUNIER, Pierre-Yves; EWEN, Shane. *Another Global City: Historical Explorations into the Transnational Municipal Moment*. New York: Palgrave: 2008.

TAYLOR, Peter; DERUDDER, Ben. *World City Network: A Global Urban Analysis*. London: Routledge, 2015. KING, Anthony. *Writing the Global City: Globalization, Postcolonialism, and the Urban*. New York: Routledge, 2016.

*Dossiê Rio de Janeiro e a Cidade Global:
Histórias comparadas de cidades na Era Moderna da Globalização*

Recebido em: 17/02/2020 – Aprovado em: 20/02/2020